

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ivanilza Pereira da Silva <sup>1</sup>

Francisco José da Silva Dias <sup>2</sup>

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira <sup>3</sup>

### RESUMO

A contação de histórias na Educação Infantil é uma atividade lúdica muito importante na formação das crianças. Dada sua relevância, é um agente importante de facilitar a aprendizagem através da arte que ensina, diverte e estimula a imaginação, despertando nas crianças a vontade de adentrar no mundo da literatura. Este estudo tem como objetivo apresentar as técnicas de ensino como ferramentas metodológicas para a contação de histórias na educação infantil. No seu corpo teórico, se fundamenta em Abramovich (1997), Coelho (1999); Zilberman (2003), além dos documentos oficiais: Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016), dentre outros. Para melhor adentrar no campo da pesquisa, optou-se, neste estudo, pela *pesquisa-ação*, pois a mesma possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. Ao se fazer este estudo sobre as técnicas de ensino em relação à contação de histórias na prática pedagógica do educador da Educação Infantil, pôde-se perceber o quanto é possível se trabalhar com esta ferramenta de ensino. Diante disso, esta pesquisa contribuiu para despertar na prática docente, algumas possibilidades de valorizar atividades que complementem as aulas expositivas para as crianças.

**PALAVRAS CHAVE:** Contação de histórias. Técnicas de Ensino. Educação Infantil. crianças

### 1. INTRODUÇÃO

a Literatura Infantil é primeiramente um meio para divertir as crianças, (...) consequentemente educa e instrui (ARROYO, 1986)

Sabe-se que a Contação de Histórias é uma atividade lúdica desenvolvida desde os primórdios da humanidade. Dada sua relevância, não há um só povo que não possua suas histórias, porque funciona como uma necessidade de compartilhar experiências que o ser humano exerce na sociedade. Claramente, este facilitador da aprendizagem costuma ser uma arte que diverte, educa, estimula a imaginação, e principalmente, despertando no discente a vontade de adentrar no mundo da literatura.

---

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [peniivanilza@bol.com.br](mailto:peniivanilza@bol.com.br)

2 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN [franjosedias@gmail.com](mailto:franjosedias@gmail.com)

3 Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção-UAA, [monicachuepb@gmail.com](mailto:monicachuepb@gmail.com)

No contexto das perspectivas escolares, os educadores das instituições educacionais têm por direito oferecer em sua prática o “Contar de Histórias” dentro do universo lúdico, para as crianças. Principalmente, na fase inicial que precede a escolarização, é primordial o respeito à natureza infantil em que a intencionalidade educativa privilegia o educar vinculado ao cuidar. Segundo assinala o Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI, p. 153), “faz parte das atividades permanentes [...] contar histórias costuma ser uma prática diária nas instituições de educação infantil. [...]”. Para tanto, este recurso favorece ao desempenho de situações que dão condições de aprendizagem na fase inicial atribuída a infância.

Nessa perspectiva, a contação de histórias costuma ser uma prática diária nas instituições educacionais, com a proposta de trabalhar com diferentes linguagens, ao qual atua em sua produção de forma decisiva no desenvolvimento da criança. É importante considerar, a referida criança vivencia a construção da aprendizagem de forma lúdica, por ser sujeito marcado pela cultura, e ao mesmo tempo produtor de cultura.

Ciente disso, o planejamento do professor deve abranger os diferentes recursos didáticos em sua utilização para atingir a criança como protagonista, no centro do planejamento curricular, a partir dos eixos estruturantes “interações e brincadeiras” conferidas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), vivenciado por meio dos campos de experiências direcionados à educação infantil. Neste caso, viabilizam o pensamento e as dimensões mítico-simbólicas, estimulando o imaginário, articulando a sensibilidade, imaginação, e também formação de leitores, que valorizam diferentes manifestações artísticas e culturais atuando para a ressignificação de significados.

O presente estudo tem como *objetivo geral* apresentar as técnicas de ensino como ferramentas metodológicas para a contação de histórias na educação infantil. Dessa maneira, dentre as ações pedagógicas na educação infantil, em relação ao contar e o ouvir de histórias desenvolvem-se várias competências essenciais, ampliando as competências da linguagem, interação, o lúdico, ideias, vontades, sentimentos, que fornecem expressivamente um estímulo a aprendizagem e dá oportunidade de alargar o repertório sócio-cultural da criança.

O percurso metodológico do presente trabalho se deu através de uma pesquisa do tipo *pesquisa ação* por meio da vivência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, numa escola pública no Município de Sertãozinho, Estado da Paraíba. Para a coleta de dados, optou-se pela observação e registro feitos após a intervenção pedagógica em sala de aula numa turma do pré escolar II, composta por 19 alunos.

Neste sentido, a investigação realizada apontou a necessidade de compreender as técnicas de ensino utilizadas pelo professor da educação infantil em relação ao contar e ouvir

de histórias, assim como a organização curricular existentes no cotidiano da sala de aula frente aos saberes disseminados para as crianças.

Ao final deste estudo, espera-se um entendimento por parte de professores e professoras na utilização correta, do ponto de vista didático, do uso de algumas técnicas em que a contação de histórias na educação infantil se torne mais interessante e valorativa por parte dos alunos

## **2.METODOLOGIA**

O percurso metodológico deste trabalho optou por uma pesquisa de cunho qualitativa

### **2.1. Tipo de Pesquisa**

Para melhor adentrar no campo da pesquisa, optou-se, neste estudo, pela *pesquisa-ação*, pois a mesma possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. É através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações. De acordo com alguns autores (THIRION, 1980; GOYETTE; LESSARD-HÉBERT, 1993) citados por El Andaloussi (2004), a pesquisa-ação teve início com desenvolvidos por John Dewey, em 1929, que apresentavam a importância de pesquisas sobre a prática escolar e a obtenção de melhores resultados a partir do envolvimento dos sujeitos nesse processo.

### **2.2 O Lócus da Investigação**

O estudo foi realizado numa Unidade de Educação Infantil, da rede pública pertencente ao Município de Sertãozinho-PB. A instituição se encontra em bom estado de conservação, e no tocante às salas de aula, as janelas são largas e gradeadas para dispor de maior segurança para os discentes, dispõe de mobiliário adequado ao tamanho das crianças.

### **2.3 Os sujeitos da pesquisa**

Crianças do maternal Pré II A, do turno Vespertino, composta por dezenove crianças com faixa etária - entre 4 e 5 anos.

## **3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida. O referido ato deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um. À medida que o educador tem conhecimento que sua voz direcionada a criança é uma forte e especial ferramenta de comunicação, o propósito central de se contar histórias é oportunizar que os discentes adentrem o mundo letrado espontaneamente de maneira lúdica conferida ao ouvir histórias. Diante do exposto, a estudiosa COELHO (1999, p. 13) aponta

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental na elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade [...].

Conforme afirma a autora ABRAMOVICH (1997, p.143), acredita que quando a criança ingressa no âmbito escolar, na educação infantil, ainda não sabe ler e escrever, aí entra o papel do professor que realiza a leitura, sendo ele intermediário deve estar apto a contar a história respeitando o enredo, ou seja, tem que ter o cuidado de conhecer a história que irá apresentar.

COELHO corrobora que:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com a matéria prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se conheça a importância da história para elas (1999, p.09).

A linguagem utilizada deve ser simples, apropriada, e de bom gosto, dispondo de seus elementos essenciais: introdução curta, narrativa simples, enredo com os episódios, conflitos, ações dos personagens, clímax e desfecho da história. O professor tem que ter uma formação literária básica, para saber discernir as obras que mais possam interessar a seus discentes, sobretudo aquelas que vão oportunizar as crianças da fase pré-escolar, a trazerem os saberes prévios para a sala de aula, compartilhando e construindo novos conhecimentos na referida fase anterior a escolarização.

Antes do início da contação é conveniente que o contador de histórias estabeleça um breve diálogo, que possa dar pistas do que se trata a história e as crianças já comecem a formular ideias em seus pensamentos, sobre o enredo. Como também após o fim da história, em que espontaneamente algumas crianças irão questionar algo sobre os personagens, dizer se gostou até mesmo repetir numa espécie de reconto ou pedir ao professor para contar de novo, são muitas as situações que ocorrem após o desfecho da história.

Prontamente, as crianças percebem por si só a mensagem da história, basta que o contador instigue os questionamentos mais apropriados a se fazer e falando sobre a narrativa simples, a história tem três partes fundamentais: a situação inicial (apresentação dos personagens), desenvolvimento (apresenta conflitos para a solução no fim da história), clímax (o elemento surpresa, algo que transpareça algo positivo ou negativo, problema a ser solucionado), e desfecho (final da história onde tudo acaba bem, como deve acontecer).

#### 4. O RESULTADO DA PESQUISA

Há diferentes maneiras de apresentar uma história, essa experiência não deve estar limitada apenas ao recurso do livro, há inúmeras técnicas utilizadas para se contar histórias, o local cabe ao professor escolher, como por exemplo, pode acontecer ao ar livre, dentro da sala de aula, no pátio da escola ou na biblioteca, e os recursos técnicos mais conhecidos é a história contada com o livro de literatura infantil, flanelógrafo, recurso audiovisual (tv ou notebook + projetor de slides + caixa de som, avental de histórias, com teatrinho de fantoches, dramatização, dentre outros.

Os requisitos para que o contador tenha sucesso no envolvimento no ato de contar a história são: estudar a história, ter domínio completo sobre ela, sentir a história, falar com voz clara e agradável, expressar as emoções sobre o que trata a história através de gestos, mímicas, caretas, etc.

Segundo COELHO (1999) sobre como contar uma história com o apoio do livro literário, indica que,

Devemos demonstrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. ( p.33)

Pensando assim, há uma riqueza de obras literárias direcionadas ao público infantil, os clássicos e um acervo moderno que privilegia um gama de interesses dirigido a crianças. Nessa prática, são citadas técnicas de contação a partir de outros suportes, mas vale ressaltar que as histórias contadas neles são retiradas exclusivas do livro que não é menos importante do que estes outros suportes, afinal o livro é histórico, como também podem ser histórias de autoria do próprio narrador.

Iniciamos os resultados de nossa pesquisa, apresentando os passos de como foi ensinada as histórias para as crianças da creche. No primeiro dia, a história selecionada foi “O lobo mau e os três carneirinhos”, contada com gravuras confeccionadas com EVA e outros objetos, O TNT azul representando o rio, um cachecol rosa floral simbolizando a campina verde, e um guarda-chuva azul representando a montanha. Vale ressaltar, que no meio da história havia cenas em que era preciso cantar um trequinho musicado: “*Ti-tó-tó, ti-tó-tó água da fonte para beber, nhoc-nhoc-nhoc, nhoc-nhoc-nhoc grama verdinha para comer!*”. Essa atividade foi feita

com as crianças sentadas no chão formando um semicírculo, para que pudessem ver toda a encenação da apresentação da história.

Após a explanação, questionamos as crianças sobre a importância do companheirismo e da família, que é imprescindível elas não darem atenção a estranhos, só confiar em que os pais os deixarem sob a responsabilidade. Dialogamos também sobre o quanto é importante cuidar dos nossos materiais escolares e também não mexer no material do colega, pois não nos pertence, a não ser se precisar de algo emprestado, pedir ao dono.

Em seguida, informamos que iríamos contar a história do “Lobo mau e os três cabritinhos”, uma das crianças repetiu perguntando: o lobo mau e os três porquinhos, tia? Eu respondi que não e repeti correta e lentamente para que ela compreendesse que se tratava de outra história.

Iniciamos o enredo em que “três cabritinhos sempre passeavam por uma montanha onde tinha um rio, e nesse rio tinha uma ponte onde morava o lobo. Certo dia, os cabritinhos foram em busca de água no rio da montanha, já que o outro ficava muito distante, um por vez, se deparara com o lobo mau que imediatamente quis comer. O primeiro cabritinho que ali passava disse que era magro e pequeno (caçula), e que logo atrás vinha o irmão do meio que era mais gordo, o lobo deixou-o ir. Quando o outro chegou, repetiu a história contando que o irmão mais velho era mais robusto e que o lobo com certeza ficaria satisfeito, o lobo também o deixou ir. Contudo, quando o mais velho chegou, o lobo viu que ele era tão grande que achou melhor fugir, e assim a montanha ficou para os três cabritinhos que viveram felizes para sempre.

Assim que finalizamos a história, uma das crianças disse “Ele aprendeu uma lição não foi tia? Não queria deixar os cabritinhos tomarem água. Minha mãe falou que faz mal negar água”. Fiquei surpresa com a colocação da criança, foi aí que notei que realmente as crianças são realmente dotadas de capacidade de desenvolvimento e se for educada da maneira correta, só haverá prosperidade na vida particular e educacional, trabalhei aqui a capacidade de compreender o sentido através da história contada oralmente e a consciência fonológica. O Referencial Curricular Nacional Educação Infantil (1998) assinala que “O domínio da fala diversifica as modalidades de interação, favorecendo o intercâmbio de ideias, realidades e pontos de vista (...)” A partir disso, o educador dialoga com os discentes antes e depois do contar de histórias, para que eles relembrem o que foi dito e façam analogias sobre diferentes situações que ocorrem no cotidiano deles.

No dia seguinte, no que concerne a história deleite, a obra da vez foi a famosíssima história do “Patinho feio”. A ocasião foi fundamental pra trabalhar o tema do preconceito e a importância da inclusão, em que necessariamente expusemos para a turma em analogia a ambos

temas, questionando e afirmando que cada um dos nossos dedos das mãos e dos pés são diferentes, mas que todos são essenciais para a nossa mão, assim como cada um de nós que somos diferentes na cor dos olhos, do cabelo, da pele, em tamanho, uns pequenos outros maiores, enfim todas essas relações de diferença que existe em nosso meio e que é importante trabalhar desde a infância, pois eles que serão os adultos do futuro, que acima de tudo é preciso consciência para essas causas.

À medida que eu falava, as crianças interagiam, uma dizia que era a tia (A) era mais gorda que a tia (B), se comparava em tamanho, foi bem interessante e elas entenderam bem que as diferenças existem e devem ser respeitadas.

Dessa maneira, a história foi contada ao girar a maçaneta da máquina de leitura. Iniciei falando de uma pata que chocou sete ovos, e quando os patinhos nasceram um deles era de cor diferente, os outros brancos e ele cor cinza, por este motivo o apelidaram de “patinho feio”, de súbito uma criança interrompeu a história dizendo que não pode apelidar, tem que chamar pelo nome, eu concordei gesticulando com a cabeça e segui com o enredo.

A seguir, afirmamos que cada vez que ele crescia os amiguinhos dele não davam atenção ao mesmo, não queriam brincar com ele porque era de cor diferente. Outra criança prontamente disse: tem que brincar com todo mundo, não é tia? Concordei novamente e dei continuidade. Chegou um dia que o patinho não aguentou mais o desprezo de todos, e fugiu na esperança de encontrar novos amigos que o considerasse também importante.

Para a surpresa do patinho, os novos amigos que ele encontrou ficaram admirados com a beleza do patinho feio, ele não acreditava tamanha consideração e carinho, para ter certeza foi ver seu reflexo na margem do rio e viu que havia crescido e suas penas antes cor cinza, estavam cor branca. E o mais incrível é que ele percebeu que não era um pato e sim um lindo cisne, e viveu feliz para sempre.

Assim sendo, encerramos a história e iniciamos os questionamentos sobre o que eles acharam de mais interessante. Desse modo, deram ênfase sobre a questão da amizade, complementei lembrando das regras de convivência que o mais importante, porque é importante o respeito para com o outro, a compreensão da diferença e respeito a diversidade. No que faz referência à concepção pedagógica, as DCNEI (BRASIL, 2010), orientam que “a subjetividade seja comprometida com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta”. Além disso, a inclusão é um princípio que rege o planejamento das atividades escolares, com a intenção de propor atividades iguais para todos os discentes. No terceiro dia de intervenção, durante as atividades vespertinas, usamos como recurso para contar a história por meio do notebook e projetor de slides, ou seja em mídia, a história selecionada foi “*Emília, Narizinho e a*

*Natureza*”, extraída do Sítio do Pica-pau Amarelo. Antes disso, dialogamos com as crianças sobre a importância da natureza, diferença entre paisagem natural, transformada, a questão do cuidar dos animais e do meio ambiente, as crianças estavam bem atentas, três delas lembraram que moram no sítio, e também as características da zona rural, outras disseram que de vez em quando visitam sítios, dentre outros comentários.

O vídeo trouxe uma mensagem que temos o dever de cuidar da natureza, porque é dela que retiramos nosso sustento, quando a história encerrou algumas crianças comentaram que cuidam do cachorro em casa, do gato, citaram outros animais que rodeiam as residências, etc. Consequentemente, a história contada por meio do recurso técnico digital tem que ser utilizada de maneira consciente, e não apenas para preencher o tempo da aula.

No quarto dia de intervenção, apresentamos a turma uma caixa colorida denominada “caixa surpresa” Imediatamente, pedimos para que passasse de mãos em mãos, informamos que tinha algo dentro e que teriam que descobrir o que era, fizeram várias inferências, como por exemplo: disseram que era papel, brinquedo, chocolate, etc; despertando a curiosidade, algo bom, porque era perceptível o entusiasmo das crianças.

Então, chegara à ocasião de descobrir o que estava dentro da caixa, quando tiramos o conteúdo, olharam uns para os outros e perceberam que era um avental, mas como assim? Um avental diferente, em que a história deleite estava contida nele, e por sua vez saiu de dentro de uma caixa. Consoante o Referencial Curricular Nacional Educação Infantil (BRASIL, 1988, p. 126) aponta que

Nas inúmeras interações com a linguagem oral, as crianças vão tentando descobrir as regularidades que as constitui, usando todos os recursos de que dispõem: histórias que conhecem, vocabulário familiar etc. Assim, acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de apropriar-se das convenções da linguagem.

É importante salientar, que as histórias emitidas pela voz, não se restringe apenas as crianças que ainda não sabem ler, dar possibilidades a qualquer estudante a perceber o papel da escrita no mundo e favorece a formação do discente leitor.

Concentrando o interesse pela história deleite, as crianças perceberam minha caracterização para contar a história, notaram que a roupa estava diferente e algumas das crianças me elogiaram, chamou muito a atenção delas.

Depois disso, iniciamos a história relatando sobre três porquinhos que moravam com a mãe, porém já estavam grandes e desejavam ter suas próprias casas. O interessante foi a interrupção que duas crianças fizeram, um deles perguntou: quando eles fossem embora com



quem ia ficar a mamãe deles? já o outro, disse que o pai tinha comprado uma casa para eles, é realmente impressionante a capacidade de imaginação que as crianças têm. As interrupções acontecem quando o imaginário da criança ativa, e ao ouvir histórias ela começa a fazer relação com a própria vida ou a de outros, quando ocorre o narrador acena concordando e continua o enredo.

Dando continuidade, a narrativa contando o irmão que se chamava Cícero construiu sua casa de palha, o outro “Heitor” de madeira, e o último “Prático” de tijolos. Posteriormente, esmiucei toda a história detalhadamente, em que temos como desfecho o lobo derrubou a casa dos dois primeiros irmãos, porém a do último era muito forte e ele só conseguiu entrar pela chaminé, ao qual em surpresa acabou caindo num caldeirão cheio de água fervendo e fugiu de dor para não mais voltar.

Por tudo isso, a criança é um ser especial e muito inteligente! Assim que encerrei a história, um dos discentes perguntou se podemos maltratar os animais, já que o lobo saiu prejudicado, imediatamente disse que não e que ele tinha se machucado de leve, foi penalizado porque tava querendo fazer mal aos amiguinhos porquinhos. A criança se conformara com minha reposta, aproveitei e reforcei o lembrete que não devemos machucar os animais porque também são criaturas feitas por “Deus”.

No quinto e último dia de intervenção, para a história de leite as crianças escolheram a música “Os cinco patinhos”, da Xuxa. Foi bem breve, nos dirigimos ao espaço do cantinho da leitura, fizemos um círculo e lá cantamos: “Cinco patinhos, fora passear além das montanhas para brincar. A mamãe falou “Quá-quá-quá-quá, más só quatro patinhos voltaram de lá...”. Dessa maneira, cantamos, os educandos foram imitando meus gestos e expressões (utilizando a mão direita para gesticular). Logo, foi um momento bastante prazeroso e o melhor é que a turma do Pré II A participou ativamente de todas as atividades propostas e no momento das histórias estavam sempre atentos a todos os detalhes.

Quando encerrou a história, a professora titular levou a turma para uma aula de campo programada pela escola, para uma feira cultural. É muito importante que as crianças tenham esse contato com as artes fora da escola, observar diversos elementos da natureza e trabalhos realizados por outros discentes, a vivência com outras práticas sociais, a exemplo das apresentações ministradas pelo “Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos”. O educador tem o espaço externo como possibilidade de oferecer aos educandos várias formas de desenvolver o ensino, proporcionando ao cotidiano das crianças a interação com seus pares em relação a posturas e atitudes. As estratégias e ações diferentes utilizadas pelo professor ampliam

o próprio currículo e contribui para que elas aprendam maneiras de ser, de estar, fazer, conviver e conhecer.

É necessário destacar, eu não há uma receita pronta para se contar histórias, porém alguns requisitos devem ser atendidos. Antes da contação, o professor convida os discentes para um espaço maior de forma que todos se aglomerem formando um semicírculo, e fique o espaço à frente para a livre transição do professor/narrador que ao se expressar, na maioria das vezes se desloca de um lugar para o outro.

Depois disso, antes de iniciar a história, cita algo que as crianças tenham conhecimentos prévios e faça referência a ela, é também imprescindível que o professor conheça a obra/história a se contar, para que não fique preso a leitura, pois o encantamento se dá por meio da expressão face a face, o olhar e primordialmente tenha consciência do tempo, que não precisa se estender muito e a linguagem deve ser clara e objetiva e afinal, existem variados recursos para se contar hi histórias, o educador deve se esforçar e fazer uso delas, apresentando as histórias a partir de diferentes técnicas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, foi realizado um estudo sobre as técnicas de ensino em relação à Contação de Histórias na prática pedagógica do educador da Educação Infantil, numa sala de aula composta por 19 crianças, turma do Pré II A, de uma Instituição Municipal de Ensino Infantil, na cidade de Sertãozinho, localizada no Estado da Paraíba.

Dessa maneira buscou-se compreender o Contar de Histórias a partir da observação das metodologias utilizadas pela professora da sala titular, em que significativamente realiza seu trabalho com alto profissionalismo e pontualidade, mas sabendo que “somos eternos aprendizes”, buscou-se averiguar mais profundamente “O porquê da contação de histórias ser desenvolvida apenas com uma técnica de ensino”, isto é, com apoio do Livro de literatura infantil.

Com base nesse propósito, entende-se que o contar e ouvir de histórias faz parte das atividades permanentes realizadas diariamente em sala de aula da educação infantil e contribui para despertar várias competências e habilidades nos discentes, gerando uma reflexão de sentidos, alargamento linguístico, comentários e expectativas a partir dos conflitos existenciais emitidos no enredo, além disso, sugestão de soluções e comentários de variadas naturezas, porém a fim de auxiliar a construção do processo de ensino e aprendizagem nesta primeira fase escolar, através desse facilitador, se faz necessário incluir outras técnicas de ensino para esta atividade lúdica e artística.

Ficou evidente, que o processo de técnicas acrescidas ao currículo, atende aos interesses das crianças na educação infantil, em que o educador introduz diferentes propostas ao seu trabalho, em relação ao contar e ouvir de histórias, colaborando aos propósitos direcionados para o processo de aprendizagem na infância. Assim, foram sugeridas outras técnicas de ensino para contar histórias, a partir do aporte teórico fundamentado pelas idéias das autoras citadas na introdução e ao logo do trabalho, assim como a essencial contribuição dos documentos oficiais.

Portanto, através da utilização das diferentes técnicas de ensino para a contação de história na educação infantil, se constitui como um momento ímpar na aprendizagem das crianças pequenas, porque é uma atividade lúdica que inspira e motiva ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: ed.Spicione, 1997

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/ 1996, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/ COEDI, 1998.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)> Acesso em: 01 de Dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 2. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>> Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 3. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 01 de Dezembro de 2018.

COELHO. Betty. **Contar Histórias – uma arte sem idade**. 10. Edição. São Paulo: Ática, 2000.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

